



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

AS INCOGNITAS DA EDUCAÇÃO

Márcia da Silva Jorge¹

Andrei Carlesso²

Darlin Taís Borghardt³

Márcia Carbonari⁴

RESUMO

Há muito tempo, vem se ouvindo discursos nos bastidores das escolas sobre problemas como a falta de respeito dos estudantes, da sociedade e dos próprios colegas de trabalho, a falta de infraestrutura escolar que nada privilegia o professor e nem a aprendizagem, o sistema educacional que engessa as questões de avaliação e calendário escolar, entre outras. Além disso, as políticas públicas educacionais tornam as escolas reféns de programas educacionais que a fazem alvo de mudanças que nem sempre estão preparadas tanto em questões de estrutura humana ou física quanto pedagógica e intelectual. As mídias apresentam modelos de escolas ideais e a sociedade cobra sem entender ou mesmo se envolver com o processo educacional, demonstrando com isso que todos querem ensinar como a escola deve pensar e agir. Por outro lado, as legislações legitimam essas políticas de pensar a escola de fora para dentro, sem questionar ou refletir sobre as relações que estão envolvidas nesse processo e como elas se dão no cotidiano escolar. Tendo em vista esse contexto, este trabalho visa refletir as relações envolvidas no processo educacional baseada na Ética e na Fíliá, enquanto (re)conhecimento do outro como sujeito de sua própria história, buscando embasamento teórico de alguns autores como Flickinger, Freire e outros, como forma de auxiliar professores numa perspectiva de solução para as incógnitas do ensino que afligem a prática docente no cotidiano escolar. Dessa forma, torna-se interessante uma retomada da Fíliá no campo pedagógico, como formação baseada na amizade, como ética do reconhecimento, para que juntos professores e estudantes possam construir uma nova postura pedagógica. Visto que, a Fíliá, lembra aos educadores a responsabilidade social e a ousadia de melhorar a trajetória pessoal dos educandos, elevando o comprometimento biográfico do saber apostando no argumento, ao contrário da Modernidade que quantifica o saber.

Palavras-chave: Educação – ética – Fíliá – Educação

INTRODUÇÃO

1Professora de Geografia, Secretaria Municipal de Educação, Passo Fundo, RS, msjgeo@gmail.com

2Acadêmico do Curso de Geografia, Universidade Passo Fundo (UPF), RS, andrei.carlesso@hotmail.com

3Acadêmica do Curso de Geografia, Universidade de Passo Fundo (UPF), RS

4Professora de História, Secretaria Municipal e Faculdade Brasiliense de Educação (FABE), Marau, RS, marcia.carbonari@fabemarau.pro.br

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

Como diria Sócrates “Ser ou não ser, eis a questão?”, Este artigo inicia-se com a pretensão de desabafo, ou talvez, uma reflexão sobre essa profissão que um dia foi considerada *status*, e hoje é um lamento de uma categoria quase esquecida pela sociedade (enquanto profissão imprescindível para a construção e formação social) e lembrada pela mídia pelas suas mazelas: o professor.

A ideia mostrou-se interessante devido à experiência vivida na prática docente em várias escolas e na coordenação pedagógica de duas escolas municipais, onde as experiências na gestão escolar são ímpares, que vão desde um simples curativo no dedo de um estudante que se machucou até problemas familiares resolvidos no “divã” da secretaria escolar, que também é sala da diretora, sala da coordenação e da orientação, devido ao reduzido espaço físico, comum em escolas municipais. Além disso, ouvir desabafos de professores indignados pelas situações geradas pelo descaso, desmotivação e desrespeito dos segmentos sociais e administrativos do sistema educacional.

Dentre os inúmeros desabafos de professores e gestores de escola, os quais, geralmente ficam ao nível da discussão nas salas de professores e conversas informais, pois as indignações não ultrapassam as janelas das escolas, pois não se tornam ação, nem solução muito menos transformação. Por vezes, se ouvem discursos inflamados nos bastidores das escolas sobre problemas como a falta de respeito dos estudantes, da sociedade e dos próprios colegas, a falta de infraestrutura escolar que nada privilegia o professor e nem a aprendizagem, o sistema educacional que engessa as questões de avaliação e calendário escolar, além de políticas públicas educacionais que tornam as escolas reféns de programas educacionais que fazem destas, alvo de todos que querem ensinar como o professor deve ser e/ou fazer, legislações que legitimam a inoperância do sistema e também a falta de conhecimento dos direitos dos professores, conhecendo apenas seus deveres. Assim, se questiona; - quais são as leis que amparam essa classe tão desprovida de engajamento político e tão vulnerável às questões cotidianas? Tantos são os motivos que levam o professor, por muitas vezes, a duvidar das suas próprias capacidades enquanto profissionais, levando-os a desistir de lutar contra as dificuldades, as quais estão

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

sujeitos na vida escolar, vista como movimento de relações, o que torna um desafio constante dessa profissão.

Outro desafio vem do senso comum de que para ser professor deve-se gostar de criança, gostar de dar aula, ter “vocação”, ser amigo, ser herói, apolítico (neutro), quase um super-humano esquecendo de que a profissão é uma construção diária da relação com o ensino e as aprendizagens ligadas à comunidade escolar, desde a sala de aula até a sociedade.

A profissão vem se tornando quase uma tortura para alguns, um esgotamento emocional para outros, principalmente, pela dificuldade de trabalhar com a in“disciplina” dos estudantes que debocham, gritam, ou simplesmente ignoram o profissional que está em sala de aula, tentando inutilmente conduzir uma aula. Isso ocorre pelo fato de o professor estar ministrando uma aula tradicional e ultrapassada, diria a maioria dos gestores das escolas, ou talvez da sociedade, ou até a própria mídia, que por sua vez se mostram mais capazes de apregoar sobre educação sem compreender ou se quer estar em uma escola ou em uma sala de aula conhecendo suas realidades e desafios cotidianos. Será que o valor intelectual na atualidade é desinteressante? Será que a aprendizagem sobre história, ciências, geografia (que são as disciplinas taxadas como as mais desinteressantes) deixaram de ser conteúdos importantes para o saber, enquanto conhecimento cognitivo ou legado da humanidade. Ou talvez a Língua Portuguesa esteja tornando-se obsoleta, já que atualmente, vivemos a linguagem do “internetês” das redes sociais frequentadas diariamente (mesmo em horário de aula) pelos estudantes. Ou será que é a Matemática que não faz mais contas como antigamente, aplicando cálculos e mais cálculos dos quais ouvem-se diariamente as famosas queixas vindas dos estudantes: “onde vou usar isso em minha vida?”. O que mais intriga é a capacidade da própria sociedade em questionar os métodos do profissional professor, mas não questionar os métodos utilizados por outros profissionais, como a exemplo, dos médicos, que enchem seus pacientes de remédios sem se preocupar com seus efeitos colaterais ou preocupar-se com a realidade de seus pacientes.

Em compensação, exige-se da escola, que conheça cada estudante, sua família, suas habilidades, suas competências, eduque, busque na casa aquele que não comparece na aula,

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

ligue para saber o que está acontecendo, chame o pai, que por muitas vezes, não comparece, pois, suas prioridades são outras, ou que chega à escola dizendo que: “não posso com a vida da criança”, e a escola deve dar conta de ensinar os pais de suas obrigações familiares, ou seja, ensinar a serem pais de fato. E quando isso não resolve, chama-se o Conselho Tutelar, que afirma estar assoberbado de casos e não tem tempo e nem condições (infraestrutura humana e material) para auxiliar. Lembrando que, geralmente, a mantenedora, não paga o telefone das escolas públicas, essas devem ter telefonia pública (orelhão) ou pagar com suas próprias condições financeiras.

Nessa perspectiva, se a família se omite e negligencia seus filhos, por que a escola e o professor devem dar conta do estudante que não quer estudar? O estudante está atrelado à obrigatoriedade de permanecer na escola e é na sala de aula que irão surgir os conflitos e as consequências disso. E quem deve trabalhar e mediar esses conflitos? – O professor.

Para contextualizar cito algumas manifestações do Sindicato dos Servidores Municipais (SIMPASSO) de Passo Fundo sobre os problemas enfrentados nas escolas municipais como: problema na distribuição de merenda escolar, falta de material de limpeza e higiene, falta de profissionais, falta de soluções práticas como contrapartidas em obras, política de cortes de materiais nas escolas, falta de telefones fixos, limpeza e podas dos pátios das escolas, uso das verbas da APP (Conselho Escolar) para manutenção das escolas, eventos escolares é para integração e estão sendo utilizadas para arrecadação financeira (pois não tem outro modo de se manter), culpabilização somente do professor pelo baixo desempenho escolar; bibliotecas fechadas por falta de pessoal; projetos nas escolas são para mascarar a verdadeira condição de abandono pela mantenedora.

Além disso, a falta de professores nas escolas leva a situações pedagógicas perigosas, como desvios de função, onde professores ministram disciplinas em áreas diferentes de sua formação e habilitação. Por mais que se estude para realizar um bom trabalho, falta formação específica para este profissional que se corrompe para não ter que trabalhar em duas escolas para complementar carga horária, ou para suprir necessidade financeira.

Outra questão a ser mencionada é a violência na escola, onde o professor se torna refém dos alunos que têm características de delinquências desde a infância por, talvez, falta

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

de limites ou de autoridade, também, pela realidade de um país desigual e injusto socialmente, que mostra pelos meios de comunicação, principalmente, nos horários nobres de informações à família, como os jornais (impressos e televisivos), a impunidade de ações de corrupção e outros delitos que irão se refletir nas atitudes do cotidiano escolar e na relação professor-estudante.

Essa realidade está levando o professor a tomar medidas de preservação/precaução, que ao chamar a atenção de algum estudante deve manter as mãos nas costas para evitar o toque podendo ser acusado de agressor em alguma situação de conflito.

Além disso, as interferências sofridas pelas escolas nas questões educacionais, geralmente realizadas por alguns atores da sociedade que não tem vínculo ou conhecimento da realidade da educação ou desprovido de conhecimento pedagógico, ou seja, todos dizem o que a escola deve fazer e esta aceita, cedendo espaço para outros setores, realizando parcerias que por muitas vezes é uma relação exponencial e de interesses econômicos e não social ou pedagógico. E nesta relação a escola vai perdendo sua identidade.

Portanto, neste contexto complexo e conturbado da educação atual, buscar-se-á uma compreensão para esta situação à luz de Flickinger, Freire e outros pensadores levando a uma reflexão sobre a educação baseada na ética e na filia, como forma de auxiliar professores numa perspectiva de solução para as incógnitas do ensino que afligem a prática docente no cotidiano escolar.

EDUCAÇÃO, ÉTICA E FILIA

Nessa perspectiva, Flickinger (2014) aponta para uma educação submetida aos interesses externos que ditam diretrizes a serem seguidas pelas instituições brasileiras, repercutindo diretamente nos aspectos pedagógicos. Estes são reprimidos pelo atual sistema educacional.

O processo de modernização da sociedade trouxe sérias consequências pedagógicas nas escolas, devido a mercantilização e a judicialização da educação, pois o “espírito”

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

pedagógico se tornou submisso à lógica capitalista, presa às políticas orçamentárias, dentro do contexto liberal e neoliberal do sistema econômico, que até o valor das pessoas é pautada no potencial econômico. Isso tornou o espaço pedagógico uma planificação de projetos que recorrem aos critérios economicistas e juristas, os quais afetam o ambiente escolar, principalmente os alunos, por esse modelo padrão de avaliação que foi imposto à educação e que se tornou irreversível.

Considerando que junto com as regras vem a uniformização dos Planos de Ensino, os quais os alunos não tomam conhecimento, onde, na verdade, as instruções pedagógicas se desfazem. Assim como, o processo de moralização que obriga a mudanças repetidas pela economia, na chamada mobilidade de mercado.

Dentro disso, a educação para o trabalho, aliada as demandas do mercado, alterou o comportamento social, tornando os relacionamentos utilitaristas, onde o respeito mútuo é menos importante do que a tentação vinda de fora, onde os jovens e crianças são “bombardeados” pela mídia com apelos constantes para o consumo, para a criação de necessidades e valores que ditam estilos de vidas que levam a uma conduta individualista e sem visão de futuro, principalmente, social. É esse jovem e criança que frequenta a escola, levando suas angústias, desejos e contradições. A escola deve conduzir os estudantes à uma educação que contemple uma política voltada a formação social baseada na ética e na filia.

Assim, buscou-se em Aristóteles o conceito de política social, para relembrar a educação baseada na Filia, ou seja, na relação amorosa e na colaboração ética entre os pares - iguais, onde havia o reconhecimento mútuo entre as pessoas, como forma de resgatar as relações: professor-estudante, professor-professor e professor-sociedade.

Nessas relações, Flickinger (2014) sustenta a amizade entre os pares como uma confissão ética para dar sustentação à trajetória biográfica do sujeito humano, condicionando o amor como aperfeiçoamento moral das pessoas, ultrapassando suas limitações subjetivas. Entretanto, o que se observa na atualidade é a perda dos vínculos das instituições de autoridade da sociedade (família, governo e igreja) que vem sofrendo transformações em suas funções, e o jovem, neste contexto, busca segurança e luta pela interação social amparada na amizade.

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

A amizade para os jovens é um facilitador de desafios sociais, mas que na modernidade sofre um empobrecimento do seu conceito, se transformando em utilitarista, por isso a importância do pedagógico escolar como interação social, na perspectiva da ética da comunicação, do diálogo e da escuta, como exercício de formação social.

Contudo, no campo pedagógico torna difícil projetar um futuro, em função da “corrosão do caráter” do indivíduo que é envolvido pelos efeitos do capitalismo gerando insegurança e uma instabilidade na consciência dos sujeitos, demonstrando que a “liberdade é imposta”.

Considerando, que a liberdade imposta permeia o contexto da sociedade atual que vive uma flexibilidade de mercado, redes de informações, reformulação repetida de ideia de futuro (pessoas), o acompanhamento da tecnologia virtual, ofertas de consumo, sobrecarregamento de indivíduos, entre outros, transformando a modernidade numa “camisa de força”, que afetam os objetivos e os projetos pedagógicos.

As consequências disso estão na conduta dos jovens, pois compartilham condições básicas como: imediatismo, falta de pensamento a longo prazo, suscetibilidade consumista, entre outros, que levam aos conflitos enfrentados nas relações em sala de aula, evidenciados pelo aumento da violência nas escolas. Dessa forma, o desafio do profissional educador é entender a realidade do jovem, pois para ele é difícil compreender o mundo, pois este está desamparado pelas suas instituições sociais.

Dessa forma, torna-se interessante uma retomada da Filia no campo pedagógico, como formação baseada na amizade, como ética do reconhecimento, para que juntos professores e estudantes possam construir uma nova postura pedagógica. Visto que, a Filia lembra aos educadores a responsabilidade social e a ousadia de melhorar a trajetória pessoal dos educandos, elevando o comprometimento biográfico do saber apostando no argumento, ao contrário da Modernidade que quantifica o saber. Porém, ao pensar numa postura pedagógica baseada na Filia entra-se num conflito com as “regras do jogo” da atualidade pela burocratização e legalização de uma educação que não assume responsabilidade com a formação do estudante.

Considerando essa realidade nas escolas, há um sentimento de desamparo no sentido de dar suporte para as sociedades complexas, o que gera uma instabilidade versada

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

pela visão tecnocrata e pela lógica repressiva das políticas atuais, tornando seus atores ingênuos sobre a objetividade científica. Portanto, há uma necessidade de ajudar os jovens e as crianças a enfrentar desafios, transpondo a dificuldade de olhar os fatos fenomênicos e instrumentalizá-los para a ponderação de argumentos, sendo o primeiro passo para o processo educativo.

Para isso a Filia vem contribuir para esse processo, visto que está relacionada com a vida do homem em comunidade e sociedade, assim, para elaborar conceitos, entender a tarefa reflexiva do processo tem que se ter como prioridade a escuta. Para haver abertura de mundo ou a comunicação entre pares as relações linguísticas devem se fazer pelo ato de falar e ouvir, ou seja, o (re)conhecimento do outro. O escutar é mais específico do que o diálogo, pois é o ato de receber; é relação pertencer *versus* distanciamento.

Para Flickinger (2014), “ser humano significa construir-se na história e na tradição”. Assim, “a tradição se antecipa à experiência, sendo o limite e a possibilidade da autonomia, tomando o diálogo como processo de entendimento”, no entanto, “vivemos em horizontes fechados como trincheiras do fundamentalismo”. Dessa forma, o contexto é o paradigma; a construção do Eu, onde o ser humano se completa no outro, encontrando o substrato da sua própria identidade, e a ideologia é o domesticador da existência social, ele só tem validade do Eu para o outro.

Nessa perspectiva, o que somos afinal (sujeitos)? Autodesignação EU SOU sujeito como objeto que é a postura da razão ocidental, a coisificação do espírito, onde a tarefa do pensamento (ideologia e utopia) é explodir os condicionamentos humanos para o distanciamento da realidade. No entanto, a grandeza do ser humano está no distanciamento do pensamento crítico e na construção do projeto individual e coletivo. Pois todo o discurso crítico é constituído de interesse. Somos diálogo. A mídia é uma estratégia suave de coação, então para vencer isso se necessita enfrentar os riscos de pertencimento e distanciamento, ou seja, o pensamento crítico como autonomia do sujeito.

Dessa forma, devem-se rever os valores herdados pela cultura, pois a sociedade não tem se constituído como projeto de futuro, quando os sistemas de comunicação são mais complexos e a única certeza é o presente, constituindo um universo de conflitos, os quais se refletem no meio escolar como forma de desafio para educação. Então, torna-se

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

necessário refazer o trabalho do pensamento - O pensamento como experiência do pensar - formando um ser humano em uma nova perspectiva. Que pessoas desejamos ser? Que sociedade queremos? Que são as questões filosóficas da educação.

Portanto é no pensamento que reside a potencialidade do ser humano. Pensar sem preconceito. Reinventar o mundo para refazê-lo, pois hoje vivemos sem história onde perdemos o nosso sentido de catástrofe. Liberdade de construir sentidos com os outros, escutar e falar, entender-se e viver, na filia/na amizade considerando que o discurso para a paz é uma ilusão, pois o conflito faz parte da condição humana e é nesse exercício que deve ser pautada os rumos da educação atual baseada no diálogo, na escuta do outro, na ética e na Filia das relações: professor-estudante, professor-professor, professor-sociedade, escola-família, escola-sociedade.

ÉTICA – PREMISSA DE MUDANÇA

No sentido de contribuir com as questões acima citadas, Bettega (2014), aponta que a ética profissional perpassa pela postura pessoal e que todo o conhecimento ao alcance de todos qualifica o viver e confirma a felicidade, onde pede criatividade e interioridade para fortalecer as relações num mundo marcado pelas oscilações e mudanças contínuas. Para ele não estamos numa época de mudanças, mas em mudança de época.

A educação ética deve perpassar pelas relações de família, escola, organizações de trabalho, tendo como referência a espiritualidade e a razão em tempos difíceis, porém de fato a fonte originária da ética é o afeto e a amizade, pois a raiz de tudo não está na razão está na capacidade de amar a vida e o outro. (BETEGGA, 2014).

Em colaboração com esse pensamento Walber (2014) enfatiza que não nascemos humanos, mas nos humanizamos. Filogeneticamente, os homens são, desprogramados ao nascer e são construídos pela história social que vai organizando ao longo da vida.

Assim, a escola amplia suas funções, tendo que, dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), propor atividades para pensar conduta, princípios éticos,

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

conhecimentos, assim como valores e regras. Nessa perspectiva, aprender a SER, desenvolvendo personalidade e autonomia assumindo responsabilidades pessoais e sociais.

Então, a escola é o espaço de construção ética. E para isso o sistema educacional deve questionar, aprender a desafiar o mundo que exige cada vez mais da sociedade e promover a melhoria das relações. (WALBER, 2014).

Dessa forma, Flickinger (2011, p. 161) comenta que, a pedagogia deveria levar em consideração a caracterização social da ideia de autonomia, a reinterpretção dos objetivos da educação e o reconhecimento intersubjetivo. Aceitando, assim, o outro no seu ser diferente e como desafio no que diz respeito a própria autoimagem, alcançando uma postura de responsabilidade que obriga a um olhar auto reflexivo, desapiedado e crítico. Olhar este que, na opinião de Flickinger (2011, p.166), “é o grande desafio para o atual sistema de formação e, não por último, sua chance de aprender e lidar com sua malfadada herança”

Nessa perspectiva, Freire (2013, p. 142) contribui afirmando que o exercício da docência é o da história como possibilidade e não como determinismo, ou seja, o importante papel da subjetividade na história, como capacidade de comparar, de analisar, de avaliar, de decidir, de romper, e, por isso tudo, a importância da ética e da política. É a percepção do homem e da mulher como seres “programados” para aprender, para ensinar, para conhecer, para intervir, que faz entender a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos. Além da prática educativa como rigor necessário da disciplina intelectual.

Assim, a expectativa de dominar as situações difíceis na sala de aula; a repressão das próprias fraquezas; o medo de não dispor de conhecimento suficiente para enfrentar o aluno, que faz com que o educador evite expor sua identidade intelectual em sala de aula; ou ainda a tendência de fugir a um saber supostamente objetivo, a fim de se desresponsabilizar pelos conteúdos – todas estas estratégias revelam posturas profissionais comprometidas com o respeito pelo ideal de onipotência e autonomia. Dito em termos pedagógicos: uma das tarefas primordiais de qualquer projeto educacional está na abertura de vias que levem os educandos a sempre novas e mais complexas experiências concretas, tendo como objetivos a autonomia e liberdade (FLICKINGER, 2011, p. 159).

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

Para isso, Freire (2013, p. 65) afirma que ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores. Isso inclui a luta em favor do respeito aos educadores e à educação, e também, a briga por salários menos imorais, pois é um dever e não somente um direito. “A luta dos professores em defesa dos seus direitos e de sua dignidade deve ser atendida como um momento importante da prática docente, enquanto prática ética” que não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que dela faz parte, pois o combate em favor da dignidade da prática docente faz parte do respeito que o professor deve ter à identidade do educando, à sua pessoa, a seu direito de ser.

Além disso, ensinar exige disponibilidade para o diálogo, a relação com os outros, no nível da política, da ética, da estética, da pedagogia; é no respeito às diferenças, na coerência entre o fazer e o dizer. Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tornar a própria prática de *abertura* ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusivo e em permanente movimento na história. (FREIRE, 2013, p. 133)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, para além das incógnitas da Educação, a essência da prática docente dentro do que foi exposto neste trabalho tendo como essência a ética e a filia pode transformar, orientar e conduzir as relações inter e intraescolares. Por sua vez, acreditando no potencial de cada ser como único e transcendente, sujeito subjetivo, poderia dizer que: os docentes não sabem a força que têm em suas mãos quando percebem o educando como instrumento para mudar a realidade social, a partir do conhecimento e intervenção nos

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

projetos políticos pedagógicos das escolas quando esta for realizada baseada nos princípios éticos de cidadania e exercício profissional.

Assim, refletir as relações envolvidas no processo educacional baseada na Ética e na Filia, enquanto (re)conhecimento do outro como sujeito de sua própria história, como forma de auxiliar professores numa perspectiva de solução para as incógnitas do ensino que afligem a prática docente no cotidiano escolar. Dessa forma, a retomada da Filia no campo pedagógico, como formação baseada na amizade e como ética do reconhecimento, para que juntos professores e educandos possam construir uma nova postura pedagógica. Visto que a Filia lembra aos educadores a responsabilidade social e a ousadia de melhorar a trajetória pessoal dos educandos, elevando o comprometimento biográfico do saber apostando no argumento, no diálogo, na criatividade e, também, na contradição e no conflito.

BIBLIOGRAFIA

BETTEGA, Jaime. Ética familiar e moral social. In: **Seminário Regional Escola de Pais do Brasil**. Marau/RS, 2014.

DETONI, Cezar Augusto. A ética da cidadania e na sociedade. In: **Seminário Regional Escola de Pais do Brasil**. Marau/RS, 2014.

FLICKINGER, Hans Georg. Herança e Futuro do Conceito de Formação (*bildung*). **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 114, p. 151-167, jan.-mar. 2011

FLICKINGER, Hans Georg. Racionalidade, Amizade e Experiência Formativa. In: **V Seminário Internacional sobre filosofia e educação e I Congresso da Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação**. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2014. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 47.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

WALBER, Valéska. A ética na família e na escola. In: **Seminário Regional Escola de Pais do Brasil**. Marau/RS, 2014.

Realização:

